

NO ANDAMENTO DOS BOIS: IMAGENS BOVINAS COMO MATERIALIZAÇÃO DA TRADIÇÃO NA POESIA DE DRUMMOND

André Pinheiro (UFRN)
andre.pinheiro@yahoo.com.br

*Boi, boi, boi...
Boi da cara preta,
pega essa criança
que tem medo de careta.*
(Cantiga popular)

Introdução

De modo geral, os brasileiros sempre mantiveram uma relação de proximidade com as mais variadas espécies de bichos – seja com o intuito de conseguir fins lucrativos (como na criação de rebanhos em propriedades rurais), seja com a finalidade de desfrutar de uma companhia (caso dos animais de estimação). Espécie de elemento residual, essa convivência afetuosa parece estar ligada às bases ruralistas que formularam a maior parte dos segmentos de nossa sociedade. E como a criação artística é reflexo direto de uma estrutura social, pode-se dizer que o sentimento se transportou para o universo das artes.

Percebe-se, portanto, que, pelo menos na literatura brasileira, as imagens de animais figuram como verdadeiros arquétipos. Mais do que meras representações, elas são a síntese de um processo social ou de um estado psicológico. Muitos escritores sintetizam seus sentimentos ou sua concepção de mundo na imagem de um animal. Guimarães Rosa, por exemplo, utilizou imagens equestres para, simultaneamente, afirmar e negar a eloquência que a cultura universal atribuiu a esse bicho. Na obra de João Cabral de Melo Neto, a cabra magricela e feia é o reflexo mais nítido da seca reinante no sertão brasileiro. E o que dizer de Baleia, animal que porta no próprio corpo a imagem mais acaba do sofrimento e da humanidade?

Na obra de Carlos Drummond de Andrade, especificamente, a imagem dos bois aparece com certa recorrência e está amiúde intimamente vinculada ao passado rural e ao seio familiar. É como se o boi fosse em si mesmo a imagem mais acabada da tradição, aqui entendida como um conjunto de valores, condutas e hábitos que passa de geração em geração. O boi é uma espécie de materialização do passado familiar e, por isso mesmo, cumpre o importante papel de atualizar o tempo.

Dentro desse panorama, o presente trabalho procura evidenciar os mecanismos utilizados por Carlos Drummond de Andrade para transformar a boiada em uma imagem de acentuado teor social. Pretende-se mostrar a maneira pela qual esse bicho consegue passar ileso às mudanças sofridas pela sociedade. Para tanto, serão analisados alguns poemas, sempre privilegiando o conceito de redução estrutural proposto por Antonio Candido. A título de conclusão, pode-se afirmar que, na lírica drummondiana, a imagem do boi é o elemento estrutural sob o qual repousa uma facção da sociedade brasileira.

1. A lírica agroantropológica

O poema “Episódio”, publicado no volume *A rosa do poço*, apresenta um procedimento bastante comum na lírica drummondiana, que é a investigação dos sentimentos

humanos através das imagens de um animal. Nele, o poeta narra um acontecimento que marcou a vida eu-lírico, haja vista o estranhamento que o fato ocorrido lhe causou:

Episódio

Manhã cedo passa
à minha porta um boi.
De onde vem ele
se não há fazendas?

Vem cheirando o tempo
entre noite e rosa.
Pára à minha porta
sua lenta máquina.

Alheio à polícia
anterior ao tráfego
ó boi, me conquistas
para outro, teu reino.

Seguro teus chifres:
eis-me transportado
sonho e compromisso
ao País Profundo.
(ANDRADE, 2007, p. 145)

De certo modo, o efeito de unidade contido no título do poema já aponta para a importância da cena apresentada. Trata-se de um evento especial que retira o sujeito lírico da realidade mecânica em que vive e, por um breve instante, transfere-o para uma ambientação renovada. No fundo, é uma tentativa de utilizar alguns valores do passado rural com o intuito de revogar o automatismo característico da sociedade moderna. A despeito da densidade que o poeta atribui ao tema retratado, o encadeamento das cenas que compõe o texto é relativamente simples e prosaico (*o sujeito se encontra parado → um boi passa lentamente diante de sua porta → o boi pára → o sujeito agarra-lhe os chifres → o sujeito é transportado para a realidade do boi*). Embora revele a inerente capacidade de Drummond atribuir alento às matérias mais triviais, esse esquema adquire maior relevância na medida em que mostra a estrutura de um modo de vida periférico sendo reproduzida na estrutura centralizadora da cidade.

O episódio citado no poema está muito distante do universo habitual do sujeito, razão pela qual ele logo manifesta um gesto de sobressalto. Cumpre observar, contudo, que a presença de um boi em plena ambientação urbana não chega a provocar um embate veemente entre as culturas rural e citadina. A princípio, o animal apenas direciona a atenção do homem para um antigo modelo de vida. Evitando qualquer tipo de dualismo reducionista, Drummond utiliza a imagem do boi para evidenciar que uma facção da realidade vem sendo comumente renegada pela moderna configuração da sociedade brasileira. Pode-se dizer, portanto, que o processo de elaboração estética é extremamente dialético, uma vez que o passado rural se atualiza e transforma o tempo presente. Dentro desse contexto, não se estranha o fato de o animal ter surgido juntamente com a luz do sol, como se ele próprio fosse a materialização de um novo estilo de vida. O boi inaugura o dia do sujeito e lhe implanta no coração a esperança de que a sociedade opressora em que vive possa se converter em um ambiente mais ameno.

Até mesmo a imagem da porta auxilia na composição dessa ideia, uma vez que tal objeto proporciona a abertura para um mundo diferente (**Manhã cedo passa / à minha porta um boi**).

É certo que o ambiente urbano está sendo invadido por um elemento típico da zona rural, mas os efeitos desse embate são sentidos pelo próprio coração do sujeito. Após o advento do boi, duas realidades e dois tempos distintos passaram a conviver no interior do mesmo homem. Esse enlace espaço-temporal acaba por imprimir uma boa dose de tensão à lírica drummondiana e logo remete a um dilema que acompanha o poeta desde os seus primeiros escritos, como bem exemplifica os versos do poema “Explicação”, publicado na coletânea *Alguma poesia*:

No elevador penso na roça,
Na roça penso no elevador
(ANDRADE, 2007, p. 37)

A carga semântica do verbo **cheirar** – que, a rigor, significa conduzir uma fragrância externa até o interior do corpo – já revela a experiência sensorial que o boi mantém com a passagem do tempo. Tem-se a impressão de que o bicho absorve as horas e as transforma na substância da própria carne, de modo que a imagem abstrata da tradição passa a ser facilmente identificada pela materialidade do corpo (**Vem cheirando o tempo / entre noite e rosa**). Cumpre observar que o boi está situado entre signos que comportam ideias antagônicas: a noite assinala a falta de perspectiva e a dramaticidade do mundo ao passo que a rosa se apresenta como símbolo de esperança, já devidamente explorado no poema “A flor e a náusea”. Pode-se afirmar, portanto, que o animal estabelece um elo entre dois mundos distintos. Na verdade, ele traz o sentimento de estabilidade do passado e o oferece como antídoto contra o desajuste da realidade contemporânea.

Não deixa de ser curioso, contudo, o fato de o poeta ter utilizado a imagem de um elemento típico da era industrial para assinalar a estrutura corpórea do bicho (**Pára à minha porta / sua lenta máquina**). Embora a composição mecânica pareça trair a expressão tradicionalista desse boi, a verdade é que o emprego do oxímoro acaba por aproximar as duas realidades distintas. Ademais, a analogia estabelecida com a máquina faz com que o animal assimile uma carga simbólica que é comumente associada ao universo do maquinário – como a força, a precisão e a eficácia. Desse modo, a figura do bicho adquire a magnitude para expressar valores que se contrapõem à própria experiência reificante da sociedade moderna. Na poesia de Drummond, o boi resiste ao tempo e continua produzindo algo de relevância, independente das forças centrípetas que atuam contra ele.

É importante destacar que o sujeito lírico vê o boi como uma possibilidade de fuga, tamanha é a diferença instituída entre o bicho e o sistema operante na cidade moderna. O animal retratado no poema ignora a ordem e as leis que a sociedade estabeleceu com o intuito de regular a vida dos indivíduos. Portador de um aguçado efeito de unidade, ele também se contrapõe à movimentação excessiva dos grandes centros urbanos, muito embora tenha sido a condição primária para todo o processo de modernização (**Alheio à polícia / anterior ao tráfego**). Com efeito, a bovinocultura foi uma das atividades que mais colaborou para o desenvolvimento da sociedade brasileira. Ao longo da história, a constante travessia do gado foi responsável pelo nascimento de lugarejos articulados e pela implantação de um comércio especializado – dois importantes setores do desenvolvimento humano. Esse aspecto social foi analisado por Rubim Santos de Aquino em estudo sobre a história do nosso povo:

À medida que o gado avançava pelo sertão, novos povoados eram criados, o que permitia aos vaqueiros um local para descanso e reabastecimento de víveres, ao mesmo tempo em que movimentavam um pequeno comércio

gerado para atender às necessidades do rebanho. Localizados a certa distância do litoral, povoados [...] demonstram a importância e o desenvolvimento do gado no Nordeste, de tal modo tornado uma atividade fixa e regular que justificava a formação e o povoamento dos sertões (AQUINO et alli, 2006, p. 188).

Pode-se afirmar que, embora o boi represente uma ordem social remota, ele faz parte de todo um processo evolutivo. Dessa forma, a sociedade de hoje é resultado imediato do uso que foi feito desse boi ao longo dos anos. O dualismo instituído entre o animal e a modernidade surge, portanto, apenas para acentuar o modo abnegado com que o homem contemporâneo se relaciona com a tradição. Apesar de qualquer simbologia, o boi adquire um aspecto moderno em função de sua capacidade de transformar o tempo.

A cena apresentada por Carlos Drummond de Andrade tem ares de uma epifania. Inesperadamente, o boi apresenta ao homem a tradição que ele julgara estar perdida. A partir de tal descoberta, o eu-lírico busca se integrar à imagem do boi na tentativa de assimilar a essência de sua natureza. Do ponto de vista formal, esse desejo de vivenciar uma nova realidade pode ser percebido na fusão das duas sentenças (**me conquistas para outro reino + me conquistas para teu reino = me conquistas para outro teu reino**).

A imagem do sujeito segurando o chifre do boi é muito sintomática dentro desse contexto, uma vez que a carga semântica do verbo **segurar** comporta um significado ligado à ideia de apoio, segurança e continuidade. Nesse sentido, o homem agarra o animal na esperança de que ele não leve embora toda a configuração simbólica que o define. O boi é a garantia de um modelo de vida livre da coerção e do caos impostos pela sociedade moderna. A cena funciona, portanto, como uma espécie de denúncia social. Ela apresenta um já homem exausto de vivenciar a ordem social vigente, marcada pela brutalidade da polícia, pelo desassossego do tráfego e impessoalidade das máquinas. É por esse motivo que o eu-lírico deseja voltar ao “País Profundo”, espaço simbólico de configuração regional, transplantado para uma época em que as experiências de vida ainda não tinham sido contaminadas pelo individualismo e pela barbárie.

Do ponto de vista estrutural, a relação do boi com o tempo revela um esquema interno responsável pela transmissão de um sentimento de inquietude na lírica drummondiana. Em cada estrofe, um dos elementos que formam o esquema se sobrepõe ao outro, oferecendo ao leitor uma constante mudança de foco.

MOVIMENTAÇÃO INTERNA

1ª Estrofe	Boi	>	Tempo
2ª Estrofe	Boi	=	Tempo
3ª Estrofe	Boi	<	Tempo
4ª Estrofe	Sujeito assume o tempo do boi		

2. Antologia comentada

No poema “O boi”, publicado no livro *José*, Carlos Drummond de Andrade emprega imagens bovinas com o intuito de discutir questões referentes à moderna sociedade industrial. Um paralelismo estabelecido entre o homem citadino e o bicho acaba por revelar o estado de isolamento em que ambos se encontram. Fragmentado pela força da guerra, o indivíduo não

consegue achar conforto nas mãos de seus companheiros. O boi (símbolo da tradição) parece ser o elemento capaz de represar o individualismo e a barbárie, mas o indivíduo não lhe dá a devida importância.

O boi

Ó solidão do boi no campo,
ó solidão do homem na rua!
Ente carros, trens, telefones,
entre gritos, o ermo profundo.

Ó solidão do boi no campo,
ó milhões sofrendo sem praga!
Se há noite ou sol, é indiferente,
a escuridão rompe com o dia.

Ó solidão do boi no campo,
ó homens torcendo-se calados!
A cidade é inexplicável
e as casas não têm sentido algum.

Ó solidão do boi no campo!
O navio-fantasma passa
em silêncio na rua cheia.
Se uma tempestade de amor caísse!
As mãos unidas, a vida salva...
Mas o tempo é firme. O boi é só.
No campo imenso a torre de petróleo.
(ANDRADE, 2007, p. 94)

A troca de perspectiva operada no poema “Um boi vê os homens” faz com que ele se torne uma das peças animais mais graciosas de Drummond. O boi, que comumente é o objeto observado, passa a observar as figuras humanas. Embora a discussão seja conduzida pela voz do eu-lírico, facilmente se percebe que os olhos do animal transmitem uma aguda sensação de humanidade.

Um boi vê os homens

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm
e correm de um para outro lado, sempre esquecidos
de alguma coisa. Certamente falta-lhes
não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres
e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves,
até sinistros. Coitados, dir-se-ia não escutam
nem o canto do ar nem os segredos do feno,
como também parecem não enxergar o que é visível
e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes
e no rasto da tristeza chegam à crueldade.
Toda a expressão deles mora nos olhos – e perde-se

a um simples baixar de cílios, a uma sombra.
Nada nos pêlos, nos extremos de inconcebível fragilidade,
e como neles há pouca montanha,
e que secura e que reentrâncias e que
impossibilidade de se organizarem em formas calmas,
permanentes e necessárias. Têm, talvez,
certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem
perdoar a agitação incômoda e o translúcido
vazio interior que os torna tão pobres e carecidos
de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme
(que sabemos nós), sons que se despedaçam e tombam no campo
como pedras aflitas e queimam a erva e a água,
e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade.
(ANDRADE, 2007, p. 252)

Poema que dá título ao volume no qual ele está inserido, “Boitempo” é um doce relato filtrado pelas memórias do campo. Aqui, Drummond propõe uma espécie de mundo paralelo, livre das normas e das regras instituídas pela experiência reificante da sociedade moderna. O ritmo da fazenda é lento, é próprio de quem sabe aproveitar cada segundo de vida. O gado dita o andamento das experiências desencadeadas no local. Na verdade, tudo gira em torno da imagem do boi, como se ele fosse a mola propulsora para a própria existência. No fundo, o poeta chama a atenção para o fato de uma realidade periférica (com uma ordenação que lhe é própria) conseguir manter um sistema organizado sem qualquer intervenção das sociedades centrífugas.

Boitempo

Entardece na roça
de modo diferente.
A sombra vem nos cascos,
no mugido da vaca
separada da cria.
O gado é que anoitece
e na luz que a vidraça
da casa fazendeira
derrama no curral
surge multiplicada
sua estátua de sal,
escultura da noite.
Os chifres delimitam
o sono privativo
de cada rês e tecem
de curva em curva a ilha
do sono universal.
No gado é que dormimos
e nele que acordamos.
amanhece na roça
de modo diferente.
A luz chega no leite,

morno esguicho das tetas
e o dia é um pasto azul
que o gado reconquista.
(ANDRADE, 2007, 905)

“O fazendeiro e a morte” talvez seja o mais belo poema que Carlos Drummond de Andrade escreveu sobre a temática dos bois, pois nele a imagem bovina é assumida como parte constituinte do indivíduo. Espécie de pequena crônica do cotidiano rural, o texto narra o episódio de uma vaca que precisa assumir a cria de outra como se fosse sua. A possibilidade de o bezerro morrer pode afetar o indivíduo de várias formas: financeiramente (pois o animal vale dinheiro), culturalmente (já que o bicho faz parte de uma tradição rural) e pessoalmente (uma vez que o fazendeiro trata cada animal como membro do seio familiar). Mais do que em qualquer outro poema, “O fazendeiro e a morte” estabelece uma relação íntima entre o boi e a tradição familiar. Aqui, o boi é um ente da família.

O fazendeiro e a morte

I

Bate na vaca, bate.
Bater até que ela adote
a cria da vaca morta
como sua cria morta.

Batebate na vaca, bate.

Bota couro sobre couro
na ilusão de cheiro-pêlo.
Se não vale,
bate na recusa, bate
naquilo que te rebate.

No desencontro da vaca
e do bezerro e das mortes
enlaçáveis
bate, debate, combate.
Em ti mesmo estás batendo
o deus que não vence o boi.

II

Não queres perder a cria,
é justo, é justo.
Não queres ver desfalcado
teu difícil gado suado.
E amas em cada bezerro
o boi eterno
na eterna pastagem, sangue
de teu viver.

E bates desesperado
porque a morte não deserta
o curral sujo.

A morte não te obedece
nem a teu amor de dono.
Não tem a morte piedade
de bezerro, a morte é leite
censurado.
Estás batendo na morte
com chicote apaixonado.
O criador ama a cria
como se fosse seu filho.
Aos filhos que tu perdeste
soma-se
o bezerro já morto junto ao ubre.
(ANDRADE, 2007, p. 911)

Considerações finais

Pôde-se observar que, na lírica drummondiana, a imagem dos bois geralmente designa questões referentes à tradição. Primeiramente, o gado se associa ao próprio processo de formação de país, quando a atividade agrária cumpriu um papel decisivo para a formatação de nossas práticas sociais. Associado a um tempo que ainda não fora afetado pelo desajuste da sociedade moderna, o gado geralmente é apresentado pelo poeta como um elemento saudosista.

Depois, as imagens bovinas adquirem um caráter demasiado humano nas mãos do bardo mineiro. A expressão do corpo, o brilho do olhar e o seu próprio sentimento se voltam para a defesa de uma ordem social típica de ambientes periféricos. Os bois executam uma espécie de denúncia social; são eles que revelam as incongruências e a barbárie executadas pelo sistema capitalista.

Por fim, as imagens bovinas geralmente remetem à constituição do seio familiar, quando o bicho perde a sua natureza animalésca e se torna um ente querido. Na maioria dos casos, o boi recupera toda uma estrutura ordenada do passado e a apresenta ao homem como solução para os problemas hodiernos. Independente do enfoque operado pelo poeta, a verdade é que o boi comumente renega o presente (tornando-se, portanto, um elemento de resistência contra as mazelas da modernidade) e atualiza o passado.

Referências

- AQUINO, Rubim Santos Leão de [et alli]. *Sociedade brasileira: uma história através dos movimentos sociais*. 5 ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2006.
- ARRIGUCCI, Davi. *Coração partido: uma análise da poesia reflexiva de Drummond*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. In: *Vários escritos*. 4 ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa* - volume único. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 25 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Drummond: o gauche no tempo*. 5 ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2008.

VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.